

---

# **DEDICAÇÃO AOS ORIXÁS: UMA ENTREVISTA COM IALORIXÁ BABA ALAREMI JOSIVANE MARTINS DA CRUZ SOBRE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA**

---

ENTREVISTADORA

**Aline Paiva dos Santos<sup>1</sup>**

Data da entrevista: Janeiro de 2022

Cidade: Macapá - Amapá

## **APRESENTAÇÃO**

Josivane Martins da Cruz é sacerdotisa de matriz africana no Ilê Asé Babá Alaremi, localizado na zona norte de Macapá. Nascida em 19 de julho de 1970, nas proximidades do rio Cupijó, interior de Cametá, Estado do Pará, a religiosa teve a infância cercada de mistérios. Escolhida pelos encantados e orixás, a proximidade com as religiosidades afroameríndias começou ainda criança, quando um dos irmãos sofreu com encantamento.

Mãe Josi é reconhecida pelos 30 anos de dedicação ao Candomblé e tem sua trajetória marcada pela luta contra o racismo e a intolerância religiosa. A entrevista apresenta todos os desafios que ela enfrentou para chegar no então Território Federal do Amapá, hoje Estado, na qual sempre sonhou. Também narra a dedicação aos orixás e o percurso até se consagrar Ialorixá Baba Alaremi.



---

<sup>1</sup> Especialista em Estudos Culturais e Políticas Públicas pela Unifap. Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Amapá (Unifap). E-mail: [alinepaivasnts@gmail.com](mailto:alinepaivasnts@gmail.com).

1) *Ialorixá Alaremi Josivane Martins, a senhora é sacerdotisa de matriz africana no Amapá, me conte o seu início no Candomblé?*

Me chamo Josivane Martins da Cruz. Alaremi é meu nome, meu orunkó que ganhei na iniciação no Candomblé. Quando iniciamos, no caso de recolhimento de só uma pessoa, somos chamados de dofones. No caso de duas pessoas ou mais, chamamos de barco, que é dofona e dofוניתha. O recolhimento de três é dofona, dofוניתha e fomo. No meu barco eu sou a fomo. Esse nome vou carregar no resto da minha vida!

Recolhi junto com o Pai Marcos Ribeiro, que é meu irmão de santo, mas hoje dou obrigação para ele. Pai Marcos é o dofona de Odé, tem a dofוניתha que é de Iemanjá, e eu que sou de Oxalá. A ordem é conforme os orixás. O recolhimento dura 21 dias, quando o orixá sai e dá um nome. Esse nome é lapidado, daí sai o nosso orunkó, que vamos ser chamados depois que pagamos nossa obrigação, quando deixamos de ser chamados de dofones, dofónitinhos e fomo. O meu nome era Alarelami, sendo mais lapidado ainda para Alaremi.

2) *Qual função no terreiro? Já é feita no Candomblé há quanto tempo?*

Eu sou Ialorixá Baba Alaremi porque todos que são filhos do orixá Oxalá é chamado de Baba, não importa se é mulher ou homem. Assim como por exemplo de Xangô, que é Obá. A palavra Baba significa pai. Não importa se já Pai ou Mãe de Santo, o filho de Oxalá tem que levar o Baba na frente.

Em 2022 completei 30 anos de iniciada no Candomblé. Mas, comecei na Umbanda com 14 anos. A Umbanda que digo, seria a mistura com a Mina. Teve desenvolvimento, que chamamos de paô (pronuncia-se paó) com Pena e Maracá. Mas, uma vez no mês, na época do nosso desenvolvimento, tocávamos tambor. Então, era uma mistura, um culto junto.

3) *Me explique um pouco sobre a casa de matriz africana: Qual o nome do terreiro? Culta as religiões do Candomblé, Tambor de Mina e Umbanda?*

O terreiro se chama Ilê Asé Baba Alaremi. Desde 2010 faço atendimento, antes do espaço físico, era em casa alugada. O terreiro é dos três. Não cultuamos sozinho a Umbanda. Eu fui feita no Candomblé, depois de muitos anos que já tinha passado pela Umbanda e Mina. Então, não vou abandonar a minha raiz. De vez em quando trabalho com Umbanda e quando a gente vai dançar o tambor é com a Mina. Permaneço na minha raiz, cultuando os três. Não vamos esquecer de onde veio, né?

4) *Conte-me um pouco da sua história antes de se tornar Ialorixá Alaremi?*

Nasci no dia 19 de julho de 1970, no rio Cupijó, no interior de Cametá, no Estado do Pará. Na minha família éramos 8 filhos, mais meu pai e minha mãe. Tive um irmão que passou por um problema muito sério de encantamento. Ele mexeu com filho de bicho, apesar de muita gente não acreditar, ele foi 'malinado'.

Nosso pai procurou um pajé para cuidar dele. Ele cuidou a primeira vez e quando foi 'malinado' pela segunda vez, o pajé olhou para minha mãe e disse: Tira essa menina daqui antes dela completar sete anos de vida, ou ela vai sumir na água ou na mata.

A minha mãe me deu para uma família em Belém quando tinha seis anos. Completei sete anos junto dessa outra família. Já na casa da minha mãe de criação, via uma outra mulher me observando, quando eu estava dormindo. Todo tempo via essa mulher me observando, ela era muito bonita.

Bem em frente da casa que morava em Belém tinha uma senhora, que, de vez em quando, incorporava e umas pessoas iam para lá. Sempre ela mandava me chamar, mas nunca me deixavam ir. Também o neto da minha mãe de criação tentou abusar de mim, quando tinha 11 anos.

Antes disso, quando comecei a estudar, com meus oito para nove anos, falavam em Território Federal do Amapá, eu sentia, parecia que tinha que estar aqui. Tinha uma alucinação de conhecer este lugar, algo me chamava pra cá.

Foi, foi e foi que comecei a passar mal, que já via mais coisa. Minha mãe de criação me levou para o centro espírita e lá falararam que eu não era de espiritismo, que deveria me levar para um terreiro. Mas, ela não me levou. Eu mesma que procurei um terreiro, com uns 13 anos. Fui ao terreiro do Pai Marcelo de Xangô, filho do seu Tupinambá, lá em Belém. Lá contei o que acontecia comigo, que via e ouvia muita coisa. Ele disse que era médium e que tinha caboclo, que precisava desenvolver e que no futuro seria uma grande Mãe de Santo.

Quando saí da casa dela [mãe de criação] comecei a me desenvolver na casa do Pai Marcelo. Foi assim que se deu meu desenvolvimento. Entrei de fato no terreiro com uns 15 anos. Com 17 anos a dona Joana Légua veio à minha cabeça pela primeira vez. Fui desenvolvendo as outras entidades.

Quando completei 20 anos vim para Macapá. Cheguei aqui através de uma enfermeira, irmã carnal de um irmão de santo meu lá de Belém. Ela me trouxe para cá para cuidar do filho dela, que na época tinha 6 meses e o meu tinha 3 meses. Disse que só vinha se aceitasse meu pequeno. A mulher me trouxe e cuidei das crianças. Mas, com 3 anos meu filho voltou para casa do pai dele. Hoje ele tem 30 anos.

Eu vim pra cá [Macapá] com 20 anos e aos 22 anos iniciei no Candomblé. Fui olhar com um Pai de Santo um recolhimento em Santana, na casa da Mãe 'Jokolossi', que é de Belém, mas estava aqui no Amapá, e lá eu bolei. Mas, já andava muito tempo em outros terreiros por aqui, frequentava o terreiro da Mãe Adérica, fiquei muitos anos no terreiro dela depois que cheguei de Belém, uns dois ou três anos, dando passagem para caboclo. E um dia fui conhecer o Candomblé, ver o recolhimento, lá meu orixá caiu, bolou como se fala, e nas outras duas vezes que fui lá também.

Eu disse que não ia mais, porém quando o Pai Marcos recolheu com a dofוניתinha, a Rosa, que era minha cliente e amiga, fui para bater as fotos dela, e lá meu orixá bolou de novo. Caiu de novo e era Mãe 'Jokolossi' que estava recolhendo-os. Ela disse que só saia de lá raspada, iniciada. Nisso me deixou recolhida e quando tornei foi somente sete dias depois, já tinha até perdido meu emprego. Meu santo foi feito de misericórdia.

Como trabalhava em casa de família, a Mãe de Santo pediu algumas coisas para minha patroa e ela se negou. O Pai Salvino me ajudou muito, me deu coisas que precisava. Então, meu santo foi feito de misericórdia, as pessoas deram para ele. Até porque Oxalá é o pai de todos, né? Depois de 21 dias, voltei para casa da minha patroa, mas não fiquei empregada. De lá fui para casa de uma amiga e passei 3 meses de quelê e quase 4 meses perambulando de esteira por aí. Mas, sempre tinha alguém que me abria a porta.

Depois me afastei um pouco do Candomblé e voltei para não abandonar mais. Hoje pra mim, a minha vida fluiu muito, amadureci bastante e estou praticamente voltada mais para o Candomblé, amo incondicionalmente meus orixás. Vejo que a minha vida tem muito a ver com Oxalá mesmo. E essa daí é a história da Josivane, eu fui dada por causa da religião, porque as entidades falaram.

5) *Como você expressa sua religiosidade fora do terreiro? Você costuma sair paramentada? Com panos de cabeça?*

Ando totalmente caracterizada. Hoje não escondo a minha religião de ninguém. Se tiver que perder um emprego por conta da minha religião, perco. Se tiver que perder um namorado, perco. Porque acima de tudo está o meu orixá, os meus ancestrais e os meus caboclos. Eu ando de roupa branca

direto, de saião e também roupa estampada, com meus turbantes, minhas contas, e se me olharem feio, vou para outro lado, para não chamar uma palavra pesada.

Engraçado que a gente usa branco... Vamos falar o português claro: macumbeiro usa branco dia de sexta-feira; macumbeiro usa branco na virada do ano; dia de sexta-feira porque queremos a paz de Oxalá, a espiritualidade, e no final do ano porque queremos a paz para o outro ano, a tranquilidade, tudo que o branco nos proporciona. No final do ano tu vê todo mundo de branco, seja católico, macumbeiro, evangélico, espírita, todo mundo, eles fazem o que detestam o ano todo, não é verdade?

*6) A senhora chegou a esconder a religião por medo? Chegou a perder o emprego?*

Em Macapá sou reconhecida, construí uma vida aqui. Mas, já passei por muito preconceito aqui também, no trabalho, com relacionamento. Teve um homem que gostou muito de mim, queria casar comigo, porém era evangélico. Fiquei com ele uns 3 meses, mas não falava que era de terreiro, eu só sumia. Teve um dia que ele descobriu para onde ia e me deixou. Mas, tudo bem? Fazer o que?! Sempre trabalhei em casa de família e já perdi o emprego. Quando voltei mesmo a me dedicar ao Candomblé, dia de sexta-feira temos que usar branco e a minha patroa começou a desconfiar porque usava tanto essa cor. Um dia me perguntou e falei da minha religião. Ela disse: ‘Ah, mas a gente não gosta dessa religião. Vou te dar tuas contas’. Respondi que não tinha problema, não ia sair da minha religião.

Lá em Belém aconteceu um fato muito ruim comigo. Fui trabalhar na casa de um senhor que bebia muito. Na época estava grávida do meu primeiro filho e cuidava do bebê dele. Ele bebia demais e minha patroa saia bastante, e no final de semana sempre saia e levava o menino, chegava de madrugada. Um dia de madrugada ele voltou porre e não tinha mais massa do mingau da criança. Ele teimou e disse que tinha. Eu disse que não. Então me fez subir em uma pia para pegar as latas dentro de um armário, mostrei que não tinha mais nada. Quando desci, ele puxou a cadeira, me derrubou, pisou na minha costa e na minha barriga.

Toda vez que ele bebia me falava: ‘Por que tu pensas que é macumbeira e vai ficar trabalhando aqui a tua vida toda? Que tu vai ficar tomando conta do meu filho?’. E quando ficava bom fingia que não lembrava de nada disso.

*7) Como a senhora enxerga a satanização das religiões de matriz africana pelas igrejas cristãs (evangélicas)?*

Tanto na Umbanda, quanto na Mina, não chamamos, não invocamos aqueles nomes que eles chamam, que não gosto nem de falar dentro da minha casa de axé. Dentro da minha religião não chamamos e dentro da igreja eles invocam direto o nome daquele bicho. Tem gente que sai da nossa religião para virar evangélico, fica falando de fundamentos, não guarda a privacidade do que aprendeu, do que usou durante muitos anos. A pessoa começa a difamar e eu acho um absurdo!

*8) Como o terreiro é visto na vizinhança? Tem reclamações sobre o barulho? Recorda de algum caso?*

Aqui nesta rua nunca tive problema. Do meu lado direito tem uma vizinha que é de terreiro e do esquerdo tem uma evangélica. Mas, nunca tive problema com vizinho, porque não dou importância, visto a minha roupa branca, vou até lá em cima no comércio, no supermercado, na feira, na padaria, em qualquer lugar e não dou confiança para ninguém. A roupa é minha, a religião também é minha e se me olharem feio pergunto o motivo. Não me sento à porta para conversar com vizinho, não

convidado para vir à festa na minha casa e também não gosto de atender dentro de casa. Nunca chegaram a denunciar nada porque acho que me respeitam, pela minha posição perante eles. Morei muito tempo na parte de cima da rua, em uma casa alugada. Agora moro em um espaço que é meu mesmo. Graças a Deus consegui um local no mesmo bairro e na mesma rua. Tanto para mim, quanto para os meus filhos de santo, é normal andarmos de branco, às vezes até sujo quando tem sacrifício, mas até agora nunca mexeram conosco.

*9) O que é o Candomblé para você? O que significa na sua vida?*

Defino o Candomblé como minha vida, tudo pra mim! Quando ganhei essa casa passei dois anos trabalhando direto só com a religião, agora que estou trabalhando fora. Não vejo o Candomblé como meu emprego. Meus filhos dizem: ‘Mãe, a senhora não precisa trabalhar fora porque a dona Cigana joga, deixa dinheiro’. Mas, não quero viver disso, quero progredir, ter um extra para um dia pegar o que ganho com a religião e trabalhar com projetos sociais dentro do meu terreiro. Esse é meu sonho! Para mim, os meus orixás e os meus caboclos são tudo na minha vida!

Depois que me dediquei, enxerguei o Candomblé de uma outra forma, para cuidar da saúde das pessoas, da física, mental e espiritual. Isso me engrandece, me ajuda muito, me faz sentir mais mãe ainda. Mudou a minha vida!

*10) Como funciona a vivência e dedicação à religião?*

Hoje tenho amadurecimento. Quero cuidar da saúde das pessoas. Aproveito ainda a minha espiritualidade, pois isso vai me evoluir cada vez mais. Tenho uma dedicação diária, ainda agora estava estudando, estou com a cama cheia de livros, porque também temos que estudar. Morremos e não aprendemos nem a metade.

A religião é uma faculdade que nunca terminamos de fazer, porque cada vez vai mudando umas coisas, surge mais uma doença. Agora aqui na minha porta aparece muita gente com problema de cabeça, com problema de saúde mesmo. Ganhei essa casa aqui de uma mulher que tratei com problema de saúde, praticamente mental, ela ficou boa, me pagou o trabalho e ficamos amiga. Ela me deu essa casa depois, como forma de amizade e agradecimento, de gratidão.

*11) O que você sugere para alguém de fora da religião? O que pediria?*

Pra quem tá fora da religião de matriz africana, ou de qualquer religião, digo que você tem que procurar algum sagrado para sua vida, seja no catolicismo, na igreja evangélica, espiritismo, budismo, qualquer uma. Temos que buscar, porque sem religião a gente não vive, somos uma folha solta no vento, você não tem direção, não tem centralização, não tem caminho.

A religião te dá um caminho, mas você também tem que saber lidar com ela. Porque também os evangélicos falam muito dos umbandistas, porém tem igreja que está levando tambor lá pra dentro, que está dando banho de descarga, que usa sal grosso, que o povo está incorporando, então tem que prestar atenção.

*12) Existiu um fato marcante que você não consegue esquecer? Como a senhora descreve Oxalá?*

A minha iniciação. Jamais imaginei um dia entrar no Candomblé, pois sempre trabalhei muito na Umbanda com caboclo. Pra mim, quando meu orixá pediu que iniciasse, que precisava dar minha cabeça, ele sabia o que estava fazendo, sabia que iria ser uma boa Ialorixá. Já nasci com esse

destino. Fui escolhida por Oxalá para que pudesse cuidar de muitas pessoas. Isso até hoje significa muito pra mim.

Não tenho palavras para descrever meu orixá. Oxalá é meu pai, minha vida, meu coração, meu sangue, pra mim é tudo porque é por ele que estou aqui, através dele que estou construindo meu terreiro, por causa dele que tenho filhos que vem pra minha casa, é por causa dele que tenho uma Cigana que tem uma fama em cima de mim, que tenho a dona Joana. Antigamente era conhecida por Josi de Joana Légua, pois quando cheguei em Macapá essa cabocla não baixava aqui, eu que trouxe o povo cigano. Construir uma história aqui dentro, não foi um legado só da Josivane, foi Oxalá que me trouxe pra cá, ele que deu direção, pois quando estudava com 8 anos sobre território do Amapá ficava louca.

*13) Explique-me um pouco das funções desenvolvidas pelos seus filhos de santo dentro da casa de axé?*

No terreiro tem um tipo de equeude que se chama iabassê, a cozinheira do santo. A função da equeude é zelar pelo terreiro. Vamos dizer assim que ela é o primeiro braço da Mãe de Santo. Ela zela pelo terreiro junto comigo, mas não pode jogar búzios, não pode iniciar filho de santo, mas acompanha o Pai e a Mãe de Santo em tudo.

As equeudes também zelam pelas roupas do Pai de Santo, da Mãe de Santo, dos orixás. Não que ela vá ser empregada do terreiro, mas é a segunda pessoa depois do Pai de Santo, da Mãe de Santo, tanto é que quando tem roda a equeude fica atrás da gente, porque ela não vira de santo. Ela é a primeira pessoa a me socorrer quando incorpooro. Ela cuida do santo e dos filhos de santo da casa, junto com o sacerdote.

Já os ogãs têm o alabê que é aquele que canta e toca, que faz o Candomblé, e o axogum que faz os sacrifícios. Aqui em casa eu tenho os dois. Também tem outros tipos de ogãs, como o de salão que recepciona as pessoas, as autoridades quando chegam no terreiro.

*14) Para finalizar a entrevista, Ialorixá Alaremi o que a senhora acha desse tipo de pesquisa voltada para intolerância religiosa?*

As pesquisas ajudam porque, talvez, eu veja de uma forma algo que muita gente não vê. Você é uma estudiosa da religião, é uma pesquisadora. Eu tenho conhecimento da religião, tenho uma pesquisa em ervas, vamos dizer para saúde, mas eu não tenho o mesmo conhecimento que você e assim vice e versa. De alguma forma você está inserida na religião e nem tenha percebido, que a religião te puxou de alguma forma pra dentro, entendeu?